

Wesley Fernandes Rodrigues  
Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil

**RESUMEN:**

Este artículo analiza la práctica votiva en Minas Gerais en el siglo XVIII, analizada por medio de los exvotos pictóricos. Destacamos la proximidad entre la práctica votiva y el culto a los santos. La reafirmación de la Iglesia acerca de la capacidad de los santos para intervenir positivamente en la vida de los creyentes, durante el desarrollo del cristianismo, favoreció la expansión del culto de los santos y la práctica votiva. La supervivencia de las donaciones de objetos como una forma de dar las gracias a los milagros obtenidos nos enseña esto.

**PALABRAS CLAVE:** exvoto, práctica votiva, culto de los santos y Minas Gerais.

**RESUMO:**

Este artigo tem como objeto de análise a prática votiva nas Minas Geras no século XVIII, discutida por meio dos ex-votos pictóricos. Gostaríamos de salientar a proximidade existente entre a prática votiva e o culto santoral. A reafirmação por parte da Igreja acerca da capacidade dos santos de intervirem favoravelmente no cotidiano dos fiéis, ao longo do desenvolvimento do cristianismo, favoreceu a expansão do culto santoral e da prática votiva. Prova disso é a persistência da doação de objeto como forma de agradecer os milagres alcançados.

**PALAVRAS-CHAVE:** ex-voto, prática votiva, culto santoral e Minas Gerais.

\* Licenciado em História (2009) pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em História Social e da Cultura (2012) pela mesma instituição, atualmente pesquisa a religiosidade no mundo ibero-americano nos séculos XVI a XIX, tendo como o foco de estudo a prática votiva.

Revista Sans Solzeil - Estudios de la Imagen, Vol 5, N° 2, 2013, pp. 105-114.

**Recibido:** 3 de marzo 2013

**Aceptado:** 2 julio 2013

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Os ex-votos pictóricos do século XVIII nas Minas Gerais, parte importante das terras portuguesas na América, estavam conectados a uma prática cultural que não se limitavam a eles. Ao contrário, o cotidiano dos grupos que compartilhavam esta prática oferecia um amplo espectro de objetos que poderiam ser convertidos em ex-votos. Antes de analisarmos a relação entre o culto santoral e prática votiva é importante definir como compreendemos esta expressão religiosa. A prática votiva comporta dois momentos: o voto feito e a concretização da promessa através dos ex-votos. Voto é “uma promessa livre feita a Deus de um bem possível e melhor que o seu contrário”<sup>2</sup>, ou seja, é a invocação da ajuda de Deus para aliviar os problemas terrenos prometendo algo em troca caso seja alcançada a mercê suplicada. Tal prática comporta também um segundo momento de cumprimento da promessa efetivada, seja por meio de exposição de objetos nos santuários e/ou por concretização de um ato. Estes objetos e ações denominamos de ex-votos. Assim, ex-voto pode ser um objeto, monumento, ação, sacrifício oferecido à divindade ou aos seres sobrenaturais em reconhecimento de um favor recebido. A materialização do agradecimento por graças recebidas e consequente exposição pública em locais sagrados é apenas um dos momentos da prática votiva.

Entretanto, por sua riqueza como objeto de arte e fonte documental, os ex-votos pintados (FIG. 1) representam a maior parte dos objetos preservados de uma prática que acompanha o homem desde a pré-história até os nossos dias. Definimos os ex-votos pictóricos como tábuas votivas pintadas geralmente de pequenas dimensões ofertadas a Cristo, à Virgem Maria ou a um santo (a) feitas em memória de mercê recebida e consequente cumprimento de um voto. Prática religiosa trazida para o Brasil pelos portugueses durante o período colonial nosso artigo concentra-se na análise dessa prática religiosa nas Minas Gerais a partir dos ex-votos pictóricos.

1. A discussão efetivada nesse artigo parte das reflexões desenvolvidas pelo autor em sua tese de mestrado. Wesley Fernandes Rodrigues, “A história em ponto pequeno: prática votiva e culto santoral nas Minas (Sécs. XVIII e XIX)” (Tese de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012).

2. Verbetes “voto” John L. Mackenzie, *Dicionário de Bíblico*, (São Paulo: Paulus, 1984.)



**Fig. 1:** ex-voto de José de Cordeiro a Nossa Senhora do Carmo, 1765, têmpera sobre madeira, Museu Regional de São João Del Rei –MG. Acervo fotográfico: Wesley Fernandes Rodrigues.

**Legenda:** “Milagre que fez Nossa Senhora do Carmo a José (sic) de Cordeiro que indo de noite pela ponte (sic) desta Vila lhe deram uma facada pelo peito de que esteve a morte assistido de dois cirurgiões e apegando-se com muita fé com a virgem Senhora do Carmo teve saúde (sic) ano de 1765.”

## 1. PRÁTICA VOTIVA E CULTO SANTORAL NAS MINAS

Em que pese as discussões acerca do fracasso ou não da reforma tridentina na América portuguesa, certo é que houve esforços por parte da Igreja em moralizar o clero e os fiéis na colônia. Demonstra isso o sínodo diocesano organizado e presidido em 1707 por D. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Bahia. Desse sínodo resultou a publicação das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, que constituem a primeira tentativa de adaptação das normas tridentinas à Colônia. Especialmente na região aurífera das Minas a preocupação com o comportamento dos habitantes era reiterada pela crença de que tal atividade propiciava maior liberalidade das práticas, como ressalta o primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz em 1757:

O território desta região aurífera, a nenhum outro inferior na incontável multidão de habitantes e adventícios, sobrepuja as maiores Cidades do Orbe na torpeza diversificada dos vícios. Porquanto estende-se longe com enorme multidão de indivíduos nele dispersos e projeta-se para o alto, mais que as outras, com vértices de montes muito elevados, alicia os habitantes para os campos demasiado amplos dos vícios, precipita-os no abismo bastante profundo da ambição, atrai os mineiros para o incitamento do mal, a saber, a extração do ouro: pois que eles, envolvendo seus irmãos com inumeráveis ardis de injustiça, roubando em benefício próprio, através de demandas dolosas, os veios do ouro alheio, ensoberbecem-se com a altivez demasiado arrogante da avareza.<sup>3</sup>

Contudo, o bispo de Mariana pontua que o único aspecto positivo que deveria ser dito dos habitantes das Minas é “a copiosa liberalidade para com os Santos, graças à qual rios de ouro são destinados a promover o esplendor de todas as Igrejas.”<sup>4</sup> A vivência religiosa nas Minas era marcada essencialmente pelo caráter devocional, ou seja, pela crença no milagre e pelo culto aos santos, como sublinha Adalgisa Arantes Campos<sup>5</sup>. De fato a própria extensão da prática votiva nas Minas demonstra o alcance do culto santoral. Entretanto, alguns autores sobrevalorizaram a especificidade do universo religioso na colônia, e mais especificamente das Minas Gerais e tendem a tributar a “liberalidade para com os santos” como fator que afastava os fiéis de uma espiritualidade dita tridentina por enfatizar uma preocupação não com o destino da alma, mas com problemas imediatos, cotidianos, até mesmo com bens materiais.

Cabe aqui salientar dois pontos: como buscamos ressaltar acima, o apelo aos santos como intermediários dos indivíduos com Deus nas suas demandas terrenas foi reafirmado e valorizado pelos decretos do Concílio de Trento e por toda uma literatura religiosa produzida pós-Trento, como diversas vidas de santos produzidas na Idade Moderna que, além de criar padrões de comportamentos que os cristãos

deveriam seguir, demonstravam a capacidade dos mesmos de intercederem junto a Deus; além disso, é necessário frisar que “a simplificação da experiência religiosa e da conduta moral não foi uma particularidade vivida na Capitania das Minas. De maneira geral, as sociedades cristãs da Idade Moderna compartilhavam do mesmo padrão comportamental: só se preocupavam com o destino de suas almas na iminência da morte.”<sup>6</sup> A Igreja contrarreformista valorizou o culto santoral ainda que ressaltando que os santos são apenas intermediários entre Deus e os homens e que não são capazes de conceder mercês, por isso não deveriam ser idolatrados, sendo somente possível rogar bênçãos ao Pai.

Entretanto, Jean Luiz Neves Abreu, por exemplo, ao destacar a ênfase com preocupações imediatistas que exprimem os ex-votos afirma que a prática votiva revelava uma “outra religião” dentro do cristianismo, marcada pelo caráter popular de uma população miserável que encontrava na oferta votiva “um conjunto de paliativos” para “miséria terrena”<sup>7</sup> Ora, a prática votiva não se restringia a nenhum grupo social e justificar tal prática como recurso para amenizar os sofrimentos cotidianos de uma população miserável é simplificar a profundidade de tal fenômeno religioso. Compartilhamos a ideia de que a religiosidade é uma atitude cultural e, como tal compreende significados ulteriores ao âmbito religioso, contudo, o historiador não pode se esquecer de que se trata de um fenômeno complexo e que por isso não pode ser tratado com respostas que ignorem o espaço que a fé tem no cotidiano das populações.

## 1.1 DEVOÇÕES

As tábuas pintadas como ofertas votivas representam o cumprimento de uma promessa realizada a um intermediário celestial, “é uma paga, paga simbólica, feita por aquele que recebeu a graça. O pedido, ao partir do crente, ergue-se até

3. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana., Relatório Decenal do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento, redigida por Dom Frei Manoel da Cruz. Mariana, 1 de julho de 1757. Língua original: Latim. Tradução de Monsenhor Flávio Cordeiro.

4. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana., Relatório Decenal do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento, redigida por Dom Frei Manoel da Cruz. Mariana, 1 de julho de 1757. Língua original: Latim. Tradução de Monsenhor Flávio Cordeiro.

5. Adalgisa Arantes Campos, “A terceira devoção do setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas” (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994), 32. 32.

6. Sabrina Mara Sant’anna, “A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 A 1822)” (Dissertação mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006), 71.

7. Jean Luiz Neves Abreu, “Imaginário do milagre, um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII” (Tese de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2001), 141.

a divindade, depois volta ao crente em forma de graça e ele paga a promessa feita, ofertando-lhe um ex-voto.”<sup>8</sup> Como mediadores dos homens com Deus, Jesus, Maria e/ou os santos ocupam papel de destaque nos ex-votos e pouquíssimos são os que não dedicam um espaço na parte pictórica para representá-los, em algumas tábuas votivas ocupam papel central e figuram sozinhos sem a presença do ofertante (FIG. 2).

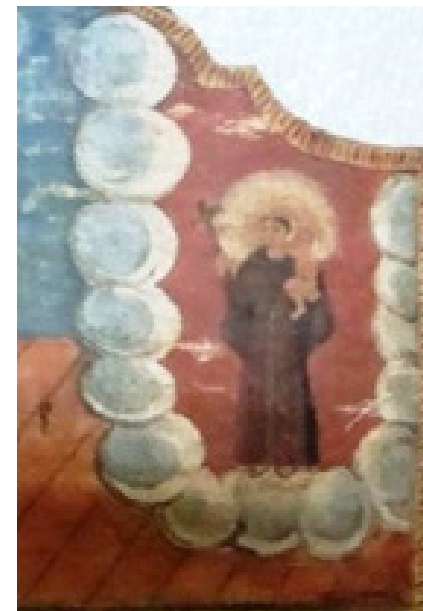


**Fig. 2:** ex-voto de Antônio Valleriano ao Senhor Bom Jesus, 1828, pintura sobre madeira. Museu de Arte Sacra, São João Del Rei. Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos.

**Legenda:** “Mercê que fez o Senhor Bom Jesus a Antônio Valleriano que estando gravemente doente de umas impinjas. Apegou-se com o mesmo Senhor milagrosamente ficou bom”.

Quando são representados ambos, o fiel e o santo invocado, como na maioria das vezes, o pintor procurava sempre distinguir o espaço celestial que o oráculo

ocupa, posto que o mesmo é distinto do espaço mundano onde o suplicante está. Na maioria dos casos o artífice que realiza o quadro busca concretizar tal intento pintando nuvens ao redor do santo representado (FIG. 3).



**Fig. 3:** detalhe Santo Antônio.

Ex-voto dedicado a Santo Antônio, 1797, Museu de Arte Sacra, São João Del Rei.

A análise do *corpus* documental levantado nos aponta que a maior dos ex-votos pictóricos produzidos nas Minas do século XVIII foi dedicada ao senhor Bom Jesus de Matosinhos (TAB. 1). Em parte tal aspecto é explicado pelo fato de que o maior acervo de ex-votos em Minas Gerais se encontra no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas. Entretanto, a própria existência de tal Santuário é indicador da popularidade de tal devoção em Minas. Trata-se de uma devoção portuguesa trazida pelos colonos durante a ocupação do território, mormente como a superioridade das devoções que predominam nas Minas no século que abordamos.

8. Julita Scarano, *Fé e milagre, ex-votos pintados em madeira*. (São Paulo: editora de Universidade de São Paulo, 2004), 35.





**Fig. 4:** detalhe Senhor Bom Jesus de Matosinhos<sup>9</sup>, ex-voto do escravo João de 1722. SBJM – Congonhas. Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos

A própria fundação do templo inicial dedicado à invocação de Bom Jesus de Matosinhos tratou-se de uma oferta votiva de um português em meados do século XVIII. O reinol Feliciano Mendes foi à região das Minas na primeira metade do setecentos para trabalhar na mineração e foi acometido de uma grave doença. Para livra-se da dita moléstia implorou a seu santo de devoção e logo ficou curado, em retribuição à mercê recebida prometeu propagar o culto ao santo quando retornasse ao reino. Entretanto, quando estava de partida para Portugal foi novamente atacado pela doença e novamente recorreu a seu santo e foi curado uma vez mais; entendeu que seria vontade do mesmo Senhor que ele se colocasse na região a ser-

9. A iconografia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos trata-se do cristo crucificado com os quatro cravos e vestindo o saio branco acima do joelho.

viço daquela santa imagem<sup>10</sup>. Feliciano deu início assim a construção da capela primígena sob a invocação de seu santo de devoção, mas que logo depois teve que ser destruída para se erguer uma maior, devido ao grande número de fiéis que recebia.

INVOCAÇÃO	Nº DE EX-VOTOS
Bom Jesus da D'Agonia	1
Divino Espírito Santo	1
Nossa Senhora da Oliveira	1
Nossa Senhora das Dores	1
Nossa Senhora de Nazaré	3
Nossa Senhora do Bom Despacho	1
Nossa Senhora do Carmo	3
Nossa Senhora dos Remédios	1
Nosso Senhor do Bonfim	2
Santa Ifigênia	2
Santa Quitéria	1
Santa Rita	2
Santana Mestra	5
Santíssima Trindade	1
Santo Antônio	1
São Benedito	1

10. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Termo de abertura do Livro de Doações, in LIVRO DE DOAÇÕES 1758-1826. Prateleira k, livro 1 A, folhas 1 A e 2 A.

São Francisco de Paula	2
São Gonçalo do Amarante	2
São Vicente Ferrer	1
Senhor de Matosinhos	21
Ilegível/Apagado	1
<b>TOTAL</b>	<b>52</b>

TABELA 1: devoções presentes nos ex-votos pictóricos mineiros (Séc. XVIII).

O culto a tal invocação cresceu fortemente na região ao longo da segunda metade do século XVIII a tal ponto que em 1780 se realiza o primeiro jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos após a concessão de oito breves ao Santuário pelo papa Pio VI. Tal festa, que ainda se realiza atualmente, era e ainda é um dos períodos mais apropriados para o pagamento das promessas realizada em nome do Senhor Bom Jesus Matosinhos, portanto, para o depósito no Santuário de Congonhas dos ex-votos.

As diversas devoções marianas (TAB. 2) representavam também uma grande parcela dos ex-votos mineiros no período que estudamos, quase  $\frac{1}{4}$  do total. Contudo, uma das invocações marianas mais populares era a de Nossa Senhora de Nazaré<sup>11</sup> (FIG. 5), outra devoção muito popular em Portugal que vicejou nas Minas. O culto a Nossa Senhora de Nazaré se tornou bastante popular em Portugal no início do século XVII quando o frei cisterciense Bernardo de Brito relacionou sua imagem existente no Santuário de mesma devoção a figura de Dom Fuas Roupinho, Capitão do Porto de Mós. De acordo com o Frei, D. Fuas no ano de 1182 andando a cavalo atrás de um cervo que havia fugido se deparou com um despenhadeiro e, quando ia cair com o seu cavalo, invocou o nome da Senhora de Nazaré e se viu livre da queda mortal. A partir de então a iconografia de tal devoção em Portugal incluiu o milagre, e o local onde teria acontecido tal mercê se tornou um dos grandes centros de peregrinação no reino português<sup>12</sup>. Do reino tal devoção

11. A devoção alargada a Jesus Cristo e à Virgem Maria na Idade Moderna prevalece sobre a dos santos, Maria de Fátima Reis, *Santarém no tempo de D. João V, administração, sociedade e cultura.* (Lisboa: Colibri, 2005), 511-512.

12. Pedro Pentead, “Frei Bernardo de Brito e a reconstrução do passado,” in *Peregrinos da memória: o*

veio para as Minas e nos ex-votos pictóricos se tornou uma das devoções marianas mais importantes. As devoções mais recorrentes nos ex-votos pictóricos mineiros, portanto, são na sua maioria portuguesas e a popularidade das mesmas atravessou o Atlântico e perdurou nas Minas durante os dois séculos abordados.

Entretanto, há de se destacar o fato de que algumas devoções populares não apareceram nos ex-votos levantados, em particular a devoção a Nossa Senhora do Rosário. Sabemos que tal devoção era muito recorrente nas Minas e, em especial, entre “os grupos africanos de todas as origens”<sup>13</sup>. Como indica Maristela dos Santos Simão<sup>14</sup>, somente no século XVIII, no Bispado de Mariana, havia o registro de 23 irmandades sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. A inexistência de referências a esta devoção pode ser explicada, em certa medida, pela inexpressiva aparição de personagens negros nos ex-votos pintados.

<b>INVOCAÇÕES MARIANAS</b>	<b>Nº DE EX-VOTOS</b>
Nossa Senhora da Oliveira	1
Nossa Senhora das Dores	1
Nossa Senhora de Nazaré	3
Nossa Senhora do Bom Despacho	1
Nossa Senhora do Carmo	3
Nossa Senhora dos Remédios	1
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>

TABELA 2 – Invocações marianas

*santuário de Nossa Senhora de Nazaré 1600-1785*, ed. Pedro Pentead (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 1998).

13. Marcos Magalhães de Aguiar, “Negras Minas Gerais, uma história da diáspora africana no Brasil colonial” (Tese doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1999).

14. Maristela Santos Simão, “As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII” (Tese de mestrado, Universidade de Lisboa, 2010), 77.



**Fig. 5:** ex-voto de Francisca da Sylvia Chaves a Nossa Senhora de Nazaré, século XVI-II, pintura sobre madeira. SBJM, Congonhas. Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos.

**Legenda:** “M. que fez Nossa Senhora de Nazaré a Francisca da Silva Chaves mulher de João Pires da Costa, estando muito mal de acidentes repetidos, e variada, e juntamente com febre, e pegando-se com Nossa Senhora alcançou melhoras”.



**Fig. 6:** ex-voto de Manoel José Machado a Nossa Senhora do Alívio, 1811, têmpera sobre madeira, 14 x 25,2 cm. SBJM – Congonhas. Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos.

**Legenda:** “Mercê que fez Nossa Senhora do Alívio a Me<sup>l</sup> Jozé Machado de d<sup>a</sup> Cou<sup>l</sup> de B<sup>a</sup> 1811”.

## 2. FATALIDADES

Como já ressaltamos, havia uma gama imensa de objetos que poderiam configurar-se em ex-votos. É sempre importante não perder de vista que o objetivo inicial da paga votiva é o agradecimento, por meio de ação corporal e/ou oferta votiva material, ao intercessor celestial da graça recebida em momento de aflição. Assim, qualquer objeto ou ação que permitisse o fiel exteriorizar o agradecimento e que para o mesmo tivesse relação com o acontecimento nefasto que desencadeou a promessa, constituía-se em paga válida. Considerando tal aspecto podemos imaginar o inesgotável número de utensílios que dispunham os fiéis para retribuírem a graça alcançada. Em um levantamento feito por estudiosos nos templos da província de Valladolid em Espanha constatou-se a diversidade de ex-votos existentes, além dos ex-votos pictóricos haviam: objetos pessoais grafados, estampas sagradas, muletas, bengalas, próteses, vestidos, cordões, sapatos, laços e coroas de noiva e de primeira comunhão, medalhas, camafeus, guardanapos, bandeiras, espadas, facas, punhais, tranças, dentes, velas, figuras humanas, partes do corpo esculpidas (pernas, braços, cabeças, mãos peitos, olhos, etc.), imagens sagradas (de santos ou de Cristo); constataram ainda doações para as igrejas de retábulos, bancos, tapetes, cálices, mesas altares, cruzeiros ou mesmo reparos dos templos, além da oferta de colheitas<sup>15</sup>.

O viajante norte-americano Thomas Ewbank, que esteve no Rio de Janeiro no início do século XIX, deixou-nos em seu diário a impressão que teve dos ex-votos dependurados na sacristia da igreja de Nossa Senhora da Glória:

Todas as manifestações de agradecimento por um favor de Nossa Senhora da Glória traduzem-se pela oferta de presentes, dos que são considerados mais dignos dela. Vários colares e brincos de brilhantes, formando conjuntos, lhe têm sido presenteados; e as mangas de seu vestido estão fechadas nos punhos com botões de brilhantes. Dona Januária (senhora de Joinville), quando esteve doente há alguns anos prometeu dar a Nossa Senhora da Glória a sua jóia mais rica' se ela lhe restaurasse saúde. Aquele broche de brilhantes que se vê no peito da imagem foi ganho e pago em tal ocasião.<sup>16</sup>

15. Carolina García Roman e María Teresa Martín Soria. "Religiosidade popular: exvotos, donaciones y subastas.", in *La religiosidad popular*, ed. C. Álvares Santaló, María Jesús Buxó e S. Rodríguez Becerra. (Barcelona: Editorial Anthropos, 1989).

16. Thomas Ewbank, *A vida no Brasil, ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. (Rio de

Apesar de enfocarmos as tábuas pintadas por se constituírem nos registros que sobreviveram de maior número e por sua riqueza documental, devido a sua linguagem binária (pictórica e gráfica), devemos considerar que tais ex-votos eram apenas uma das ilimitadas possibilidades de escolha que os fiéis dispunham e sublinhar que tal aspecto é relevante na medida em que insere nosso objeto de estudo dentro de um contexto mais alargado, buscando apreender a extensão da prática votiva nas Minas. Exatamente por considerarmos a riqueza do universo votivo mineiro e para efeito de análise, optamos por uma tipificação dos ex-votos<sup>17</sup>. Em princípio distinguimos dois tipos de ex-votos, os narrativos, como as tábuas pintadas, e os que denominamos de simbólicos. Estes últimos são, por exemplo, as ofertas de alfaias às igrejas, reparos realizados nas mesmas, ou simplesmente objetos que não descrevem o acontecimento que ocasionou a promessa, como os ex-votos anatômicos (peças do corpo humano esculpidas em madeira, cera ou outro material) ou a oferta da vela de uma embarcação que se viu livre dos perigos do mar (FIG. 7)<sup>18</sup>.

Considerando apenas os ex-votos pictóricos mineiros realizamos a seguinte tipologia (TAB. 3) a partir das fatalidades. Ou seja, analisando tanto os elementos iconográficos quanto as legendas identificamos os males, os momentos nefastos que motivaram os devotos a pedirem a ajuda dos Céus e, posteriormente alcançadas as graças suplicadas, cumprir as promessas realizadas. Tal proposta busca identificar quais eram as aflições das gentes mineiras em um cotidiano fortemente influenciado pela crença na capacidade dos santos de intervirem positivamente na vida dos fiéis. No corpus documental analisado os problemas que aparecem não são fatos extraordinários, mas males cotidianos. Tal constatação levou alguns autores a afirmar, como demonstramos acima, que os ex-votos indicam uma contraposição entre o que era pregado pela Igreja, a preocupação não com problemas imediatos, mas com a salvação da alma e a prática

Janeiro: Conquista, 1973), 194.

17. Outros autores já realizaram tipificações dos ex-votos a partir de diversos critérios. Bernard Cousin, *Le miracle et le quotidien, les ex-votos provençaux images d'une société*. (Aix-en-Provence: Societé, Mentalités, Cultures, 1983), que realiza uma interessante tipologia dos ex-votos franceses.

18. Consideramos também ex-votos simbólicos as ações realizadas por parte do fiel e que não se objetivavam materialmente.



dos fiéis no cotidiano. Não concordamos com essa afirmação e compartilhamos a ideia desenvolvida por Julita Scarano de que há uma ligação entre a salvação alcançada nesses momentos dos quais os ex-votos dão testemunho e a salvação eterna. De acordo com a autora os ex-votos demonstram que o suplicante escapou de uma morte repentina ou violenta que impossibilitasse a preparação para uma boa morte<sup>19</sup> e o arrependimento dos seus pecados, ou seja, a reconciliação com Deus.<sup>20</sup>

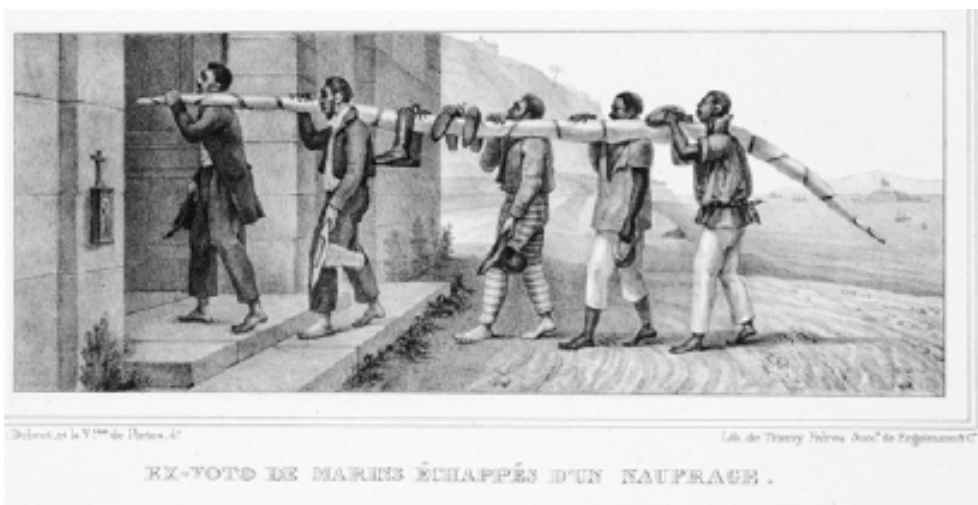


Fig. 7. Ex-voto de marins échappés d'un naufrage, Debret, Jean Baptiste, 1768-1848.

Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/624530098>. Acessado em: 24 de nov. 2010

19. Sobre a concepção da boa morte nas Minas setecentistas Adalgisa Arantes Campos, "A vivência da morte na Capitania das Minas" (Dissertação Mestrado Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986).

20. Scarano, *Fé e milagre*, 36.

Tipos	Elementos qualificativos	Total
Acidentes	<i>Domésticos</i>	4
	<i>Trabalho</i>	1
	<i>Ambiente externo</i>	3
	<i>Não classificado</i>	1
Tentativas de assassinato		2
Doenças		22
Partos		2
Não classificados		17
<b>Total</b>		<b>52</b>

TABELA 3: Tipologia dos ex-votos pictóricos mineiros

## CONCLUSÃO

A prática votiva, cujas raízes são remotíssimas, desenvolveu-se, dentro da cristandade, com o culto aos santos nos primeiros séculos da era cristã. A reafirmação por parte da Igreja acerca da capacidade dos santos de intervirem favoravelmente no cotidiano dos fiéis, ao longo do desenvolvimento do cristianismo, favoreceu a expansão do culto santoral e da prática votiva. Os votos inicialmente dirigidos a Deus foram cada vez mais direcionados aos intermediários dos homens com o Pai. Dessa forma, nossa análise buscou sublinhar a relação entre o culto dos santos e a prática votiva, portanto, a crença no milagre, que atravessa tal manifestação religiosa no cotidiano dos habitantes das Minas Gerais no século XVIII.

## BIBLIOGRAFIA FINAL:

- Abreu, Jean Luiz Neves. *O imaginário do milagre e a religiosidade popular: um estudo sobre a prática votiva na Minas do século XVIII*. Dissertação, Mestrado em História. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.
- Aguiar, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil colonial*. Tese de doutorado Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.
- Campos, Adalgisa Arantes. *A terceira devoção do setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. Tese de doutorado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- Campos, Adalgisa Arantes. *A vivência da morte na Capitania das Minas*. 1986. Dissertação de mestrado em Filosofia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1986.
- Cousin, Bernard. *Le miracle et le quotidien: les ex-votos provençaux images d'une société*. Aix-en-Provence: Societé, Mentalités, Cultures, 1983.
- Ewbank, Thomas. *A vida no Brasil, ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário de Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.
- Penteado, Pedro. *Frei Bernardo de Brito e a reconstrução do passado*. In: Penteado, Pedro. *Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré 1600-1785*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 1998.
- Sant'anna, Sabrina Mara. *A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 A 1822)*. Dissertação de mestrado Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- Scarano, Julita. *Fé e Milagre*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- Simão, Maristela Santos. *As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII*. Tese, de mestrado em História da África. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

- Reis, Maria de Fátima. *Santarém no tempo de D. João V: administração, sociedade e cultura*. Lisboa: Colibri, 2005.
- RODRIGUES, Wesley Fernandes. *A história em ponto pequeno: prática votiva e culto santoral nas Minas (Sécs. XVIII e XIX)*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- Román, Carolina García e Soria, María Teresa Martín. « Religiosidade popular: exvotos, donaciones y subastas ». In: Santaló, C. Álvares, Buxó, Maria Jesús e Becerra, S. Rodríguez. *La religiosidad popular*. Barcelona: Editorial Anthopos, 1989.

## DOCUMENTOS:

- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana., Relatório Decenal do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento, redigida por Dom Frei Manoel da Cruz. Mariana, 1 de julho de 1757. Língua original: Latim. Tradução de Monsenhor Flávio Cordeiro.
- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Termo de abertura do Livro de Doações, in LIVRO DE DOAÇÕES 1758-1826. Prateleira k, livro 1 A, folhas 1A e 2A.